

## EDITORIAL

Este número especial da Revista Estética e Semiótica – Dossiê de Estudos Clássicos “*Psyche* e manipulação” – nasceu do convite de dois grandes amigos: Júlio César (membro do Núcleo de Estética, Hermenêutica e Semiótica – NEHS, Editor da Revista de Estética e Semiótica – RES, Professor de Filosofia da Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal – SEEDF); e Flávio René Kothe (Professor Doutor Titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília – UnB e membro do Núcleo de Estética, Hermenêutica e Semiótica – NEHS). Tenho orgulho de dizer que este último foi meu orientador no meu primeiro Mestrado (com ênfase em Estética e Semiótica) na Universidade de Brasília, e o primeiro, meu amigo pessoal de longa data.

Mais que incentivado pessoalmente pelo convite, sinto-me privilegiado em poder voltar ao meu primeiro Programa de Pós-Graduação (FAU) – depois de finalizar meu Doutorado em Estudos Clássicos / Filosofia Antiga pela Universidade de Coimbra – UC – para desenvolver este projeto.

A começar pelos pesquisadores de vários recantos do mundo que gentilmente enviaram artigos de qualidade acadêmica louvável, este volume pretende ser um suporte de pesquisa na área de Estética em Estudos Clássicos, e em suas muitas áreas de convergências no Mundo Antigo. Da literatura à filosofia, passando ainda por outras áreas do conhecimento, muitas serão as abordagens.

Lembrando, com apressado e admiração, os primeiros importantes passos acadêmicos que Baumgarten empreende na modernidade acerca de estudos sobre o mito enquanto princípio filosófico em sua *Aesthetica* (1750), este Dossiê será dedicado a Estudos Mitológicos e suas influências para o pensamento humano, considerando os vários recortes possíveis em áreas que translineiam interesse estético mitológico no Mundo Antigo.

Com um leque investigativo de ponta, este Dossiê tem a imensa honra e satisfação de contar com publicações de pesquisadores de Universidades do Brasil, da Argentina, de Portugal, da Espanha e da Itália.

O Dossiê está dividido, mas sem indicação no sumário, em duas partes que buscam privilegiar dois interesses temáticos específicos, mas complementares entre si. A primeira

abordará questões relacionadas a alma e suas influências míticas. A segunda abordará questões relacionadas a mito e manipulação.

A primeira parte, voltada para os estudos da alma e suas influências míticas, tem o prazer de iniciar-se com o artigo “Orfeu e a imagem mitológica do poeta entre Virgílio e Horácio”, de Alexandre Prudente Piccolo, que, a partir de estudos de personagens literárias, enriquece as possibilidades interpretativas dos poemas de Virgílio e Horácio, ao caminhar em busca de um arquétipo da figura de Orfeu, e suas problemáticas da alma, diluído em outras importantes personagens da tradição Clássica. Ainda sobre esse recorte literário, o terceiro artigo “*El poder manipulador de las riquezas. Reflexiones acerca del mito de Dánae y la tragedia Dánae de Eurípides*”, de Guillermo De Santis, apresenta uma aprofundada análise dos poderes manipuladores que o ouro exerce na alma humana, além de suas consequências político-sociais, a partir da tragédia *Dánae*, de Eurípides.

Anna Motta, no segundo artigo “*Materia e forma dei miti. Su mimesi platonica e simbologia omerica*”, faz uma admirável análise, tendo em conta algumas bases neoplatônicas, acerca da influência que a tradição religiosa antiga exerce na formação da filosofia platônica, que tem premissas míticas necessárias para a caminhada racional da alma, mediante um tipo de ciência teológica (chamamos atenção para a riquíssima elaboração de suas notas de rodapé). Ainda no âmbito do neoplatonismo, o quarto artigo “*El alma ante el espejo: mitología y filosofía en Las Enéadas de Plotino*”, de María Jesús Hermoso Félix, trabalha o inspirado tema da alma diante do espelho, a partir dos mitos de Dionísio e de Narciso nas *Eneidas*, e marca as experiências presentes em tais mitos como simbologia das próprias experiências da alma humana acerca da realidade e de si própria.

A primeira parte é encerrada com o quinto artigo “O fechamento do peristilo do templo clássico de Atena e sua reutilização como templo cristão dedicado a Maria”, de Luciano Coutinho, que, no âmbito de uma leitura filosófica de espaços arquitetônicos sacros, apresenta – a partir do fechamento do peristilo de templos clássicos dedicados à deusa Atena transformados em templos cristãos dedicados a Maria – a tese de que a realidade externa ao templo transformado passa a ser sustentada como uma não-realidade, e que o espaço interno é assumido como única realidade possível para a purificação da alma.

A segunda parte, voltada para os estudos de mito e manipulação, inicia-se com o sexto artigo “Autoctonia e manipulação política na República de Platão (414b - 415d)”, de Alessandro Eloy Braga, que faz uma análise do mito de autoctonia na *República* de Platão,

considerando princípios de manipulação política que o discurso mítico recebe a partir de interesses da personagem Sócrates no diálogo.

Presenteando o Dossiê com estudos de uma civilização que influenciou o mundo Clássico, o sétimo artigo “Verdade e flechas na retórica e na estética dos antigos persas”, de Edrisi Fernandes, analisa símbolos estéticos representativos da verdade para os persas, que entendiam a mentira como ameaça à própria existência, e por isso sustentavam a verdade como um disparar de flechas, que, assim como a retórica, tem penetração variável e depende de um bom disparo. Nessa mesma linha de civilização que influenciou o mundo Clássico, o alinhado tratamento que Rogério Sousa dá ao mito alexandrino de *Seráfis*, no oitavo artigo “O mito da origem de Serápis revisitado”, sugere uma atentada releitura da utilização do mito como ferramenta de congregação de uma heterogeneidade multicultural, a partir de um almanaque de símbolos teológicos locais, que potencializam o mito em nível político.

Marco Carmignani fecha a segunda parte com o nono artigo “*El mito de Alceste en la literatura latina: el caso del Centón*”, buscando demonstrar que o centão latino anônimo (AL 15 Riese) alcança um profundo e trágico desfecho ao recorrer a uma versão pessimista do mito, em que Alceste, considerando a tragédia de Eurípides, não ressuscita do Hades, mas que, pela vontade e pela virtude, controla suas próprias demandas.

Por fim, gostaria de agradecer a todo pessoal envolvido da Revista Estética e Semiótica (RES) da UnB, em especial ao Tiago Mendes. Também gostaria de agradecer pessoalmente ao empenho de três grandes colaboradores externos (Danilo Marques, Tiago Nascimento De Carvalho e Cristiane Nogueira) que fizeram a revisão textual e de formatação dos artigos.

Por último, gostaria de desejar a todos uma boa leitura e boas descobertas.

Luciano Coutinho

Braga – Portugal, 27 de abril de 2015